



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de assinatura
do ato que institui o pólo petroquímico
de São Paulo*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 30 DE ABRIL DE 1996

Senhor Ministro Raimundo Brito; Senhor Governador, meu amigo e companheiro, Mário Covas; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhor Olavo Setúbal, ex-Chanceler e ex-Prefeito de São Paulo; Senhores Senadores; Deputados Estaduais; Deputados Federais; Prefeitos; Senhor Délio Queiroz e demais representantes da Odebrecht que assinam este protocolo; Senhoras e Senhores;

Este ato, como disse o Ministro Raimundo Brito, é o terceiro na mesma linha de encorajamento à petroquímica brasileira, que, durante esses ano e pouco de Governo, nós pudemos realizar. Mas ele tem, para mim, um significado muito especial, porque, com o Ministro Raimundo – também alguns aqui presentes me acompanharam, Dr. Rennó sempre presente, porque a Petrobras é onipresente –, fomos a Triunfo, no Rio Grande do Sul, para duplicar a produção petroquímica de lá.

Depois, veio o Pólo Gás-Químico do Rio de Janeiro. Mas agora é a vez do de São Paulo. E é natural que o Presidente da República, tendo deixado São Paulo para terceiro, na fila, possa dizer que, no

coração, é o primeiro; e possa dizer que é com muita satisfação que nós assistimos hoje à concretização de uma aspiração do Governador Mário Covas que encontrou apoio no setor privado e compreensão no setor do Governo Federal, para que pudéssemos dar esse passo importante. E importante pelas razões já ditas pelo próprio Governador: São Paulo consome e produz pouco. Vai consumir mais; e nós vamos precisar de produzir mais. E esse mais é muito mais.

Eu gostaria de transmitir, insisto tanto nisso, a todos os brasileiros o mesmo sentimento de confiança que tenho, porque é mais fácil, Governador, daqui de Brasília – ponto para o qual acorrem, naturalmente, tensões também, mas muitas manifestações de investimento, muita movimentação, em nível nacional e internacional –, perceber que estamos passando por uma mudança significativa na nossa estrutura de produção. Mas muito significativa.

A petroquímica é um exemplo, exemplo vivo, disse. Estamos duplicando, em um ano e meio, o número de pólos que temos no Brasil. Isso não é porque eu sou o Presidente da República: é porque o Brasil mudou; é porque as empresas brasileiras, ainda durante a época da inflação – eu disse isso tantas vezes, quando era Ministro da Fazenda –, se enxugaram, sozinhas, sem que o Estado tivesse dado a mão; é porque o povo tomou conhecimento de muitas necessidades, porque é uma sociedade democrática, onde existe pressão, onde existe o Congresso, que debate; onde existem senadores, que em geral me ajudam; onde existem deputados – e diria a mesma coisa sobre eles, sobretudo sobre o Líder José Aníbal, que tem sido extraordinário no apoio às iniciativas do Governo.

Mas existe esse clima graças também aos Ministros que aqui estão, Ministro Sérgio Motta, Ministro José Serra – não são só paulistas, não: está aqui o Ministro Raimundo Brito, e o Ministro Paulo Renato diz que é paulista, mas é gaúcho; essa aliança baiano-paulista é complicada, é perigosíssima, porque é fortíssima. Existem ministros que entendem esse processo.

A verdade é que, por essas razões todas, hoje nós estamos no limiar de um novo salto qualitativo do desenvolvimento brasileiro. Mas

que ninguém se iluda a esse respeito: estamos no limiar de um salto, não é que vamos produzir mais. Estamos é mudando a estrutura produtiva do País. Isso está visível na petroquímica.

Recentemente, recebi um empresário de uma grande empresa internacional que me disse: "Olha, para a minha empresa, agora, é Brasil, o país de onde eu sou, e mais o Japão e os Estados Unidos." E acrescentou: "Nós estamos investindo mais." Há poucos instantes, um outro me dizia a mesma coisa aqui em cima: "Estou investindo mais. Mas isso não é o importante: estou mudando o meu equipamento, porque agora, para competir – e tenho que competir, porque a economia está aberta –, tenho que produzir com os mesmos padrões de qualidade requeridos para a minha empresa na Europa. Então, estou renovando a minha base produtiva."

Veja-se a indústria automobilística. Ainda ontem, o Ministro José Serra, numa apresentação muito consistente, que fez aqui, dos programas de apoio ao emprego e de novas possibilidades de trabalho na infra-estrutura do Brasil e em vários setores, mostrou o que está acontecendo com a indústria automobilística. E devemos isso, em grande parte, a ele e à Ministra Dorothea, que se empenharam muito na reorganização das possibilidades da indústria automotriz do Brasil.

O que está acontecendo nessa indústria é significativo. Estamos nos tornando um dos poucos pólos que vão poder, no próximo século, produzir em nível mundial, incluindo tecnologia nova, *marketing*, toda a parte relativa a desenho, enfim, para competir em nível mundial.

Todos os países terão essa capacidade. Não é fazer carro – muitos aprenderam: é lançar produto novo em nível mundial. É o que está acontecendo no Brasil.

O Dr. Rennó, que está à frente da Petrobras, atuando em vários setores, e o Ministro Raimundo Brito, com quem ainda há pouco estávamos conversando sobre outro ramo, sobre a questão da geração de energia, sabem disso. É preciso que nós nos impregnemos dessa idéia. E não é só uma idéia: é uma realização, é uma prática. Estamos enfrentando uma realidade nova e conseguindo transformar o

Brasil, para que ele possa ter uma posição positiva, competitiva, nesse mundo novo que aí está.

Ora, Brasil novo, competitivo não pode ser sem São Paulo estar – não vou dizer à frente, Governador, porque nós dois vamos, quem sabe, ser mal interpretados – ao lado dessas transformações (o Dr. Ermílio já riu, porque é baiano.). Nós temos que estar ao lado da vanguarda.

Mas há uma diferença. É que a idéia, mesmo, de vanguarda não existe mais. Estamos vendo que o Brasil, em vários pontos, quase simultaneamente, está assumindo as suas responsabilidades e se renovando em vários setores, em vários pontos. E isso eu creio que é importante.

Creio, também, que, se é minha obrigação dizer que, na verdade, existe esse ímpeto, que é real – a indústria paulista cresceu 8,1%, no primeiro trimestre deste ano, em atividade e em vendas –, é preciso igualmente dizer que há dificuldades e que, sobretudo hoje, as dificuldades estão nas mãos daqueles que dirigem os Estados: os governos. O Governador Mário Covas tem sido um batalhador incansável para colocar São Paulo, de novo, como um Estado que tem as suas finanças em ordem e é capaz de dar conta das demandas da população. Sei que isso é difícil, porque acompanho, não diria no cotidiano, mas com muita insistência o que está acontecendo em cada Estado. E, no Estado de São Paulo, ele tem sido um governador que não teve medo de enfrentar os grandes problemas.

Acho que isso é que distingue o Brasil de hoje. É o empresário, é o líder sindical ou é o governante. É não ter medo de ver as coisas como elas são e enfrentá-las na sua radicalidade, ir à raiz das questões, e não simplesmente ficar na retórica ou fugindo do enfrentamento, que é necessário, das questões essenciais do nosso país.

Está sendo feito isso em São Paulo, com muita coragem, com muita determinação, como está sendo feito – é também de justiça dizer – na maioria dos Estados brasileiros; quase que eu poderia dizer em todos os Estados brasileiros, porque realmente há um sentimento agudo, hoje, na classe politicamente dirigente do País, de que não dá

mais para não tomar decisões, não dá mais para deixar de lado as reformas; de que é preciso enfrentá-las e enfrentar os interesses corporativos; de que é preciso ter sentido público e enfrentar seja o que for, para que possamos assegurar um rumo para este país.

Acho que o rumo está traçado. São Paulo está inserido nesse mesmo espírito. Mas nós convivemos com problemas que são de outras épocas da História, ao mesmo tempo em que estamos enfrentando desafios do próximo século ou preparando-nos para eles. Temos, na área social, problemas que são de outro século e já deveríamos ter resolvido: não foram resolvidos durante décadas e décadas, e agora vamos ter que enfrentá-los. E os estamos enfrentando como podemos.

Temos os problemas, também, na área produtiva, dessa desigualdade de setores que avançaram muito e outros que não avançaram, o que não quer dizer que devamos simplesmente cruzar os braços e deixar que morram aqueles que não avançaram. Temos que tomar as medidas pertinentes para recompor as condições de produção de muitos setores da nossa economia que não tiveram as condições de se tornarem aptos para uma competição mais aguda. Temos que olhar para esses setores todos.

Não podemos desconsiderar as dificuldades de financiamento e do próprio sistema financeiro. Estamos enfrentando dificuldades no sistema financeiro, em algumas áreas difíceis, bastante difíceis, sobretudo da área pública. Não vou me referir ao Banespa, porque já dá urticária. Basta pensar no Banco do Brasil, que vai ver que é a mesma coisa vista de outro ângulo. Temos de enfrentar problemas que possuem raízes comuns, de dificuldades e de ajustamento das instituições. E os estamos enfrentando.

De modo que, por todas essas razões – não quero me estender muito; dizia o Governador Mário Covas que hoje foi um dia em que falei de manhã até à tarde, porque, por sorte, houve muitos atos, aqui, fora daqui, a maior parte dos quais atos positivos, como este de hoje; de qualquer maneira, eu não queria me estender agora, não só para não me cansar, mas para não cansá-los –, quero dizer que,

realmente, o dia se encerra com um ato que é muito significativo e muito positivo.

Quero me congratular com o Governador de São Paulo, com o Ministro de Minas e Energia, com todos aqueles que trabalham no Ministério, com os empresários, com os amigos, alguns dos quais há tanto tempo não vejo, porque, depois que a gente fica Presidente da República, eles não procuram mais; mas eu os vejo, agora, com imensa alegria e quero, então, agradecer muito e dizer: – Podemos confiar. Esse pólo petroquímico vai para a frente. São Paulo vai para a frente. E, São Paulo indo junto com o resto do Brasil para a frente, meu Deus, quem é que vai nos segurar? Ninguém!

Muito obrigado.